

MARIO DE CARVALHO E A SUBVERSÃO DO ESPAÇO: O SER- ESTAR-NO-MUNDO EM *UM DEUS PASSEANDO PELA BRISA DA TARDE*

Márcia Manir Miguel Feitosa
Profa. Titular do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão
Docente Permanente dos Mestrados em Letras e em Cultura e Sociedade (UFMA)
Coordenadora do GEPLIT (Grupo de Estudos da Paisagem em Literatura)
marciamanir@hotmail.com

Recebido em: 19/07/2019
Aprovado em: 20/09/2019

Resumo :

O presente trabalho tem por objetivo o estudo analítico do romance *Um deus passeando pela brisa da tarde*, do premiado escritor português contemporâneo Mário de Carvalho, sob o lume da perspectiva espacial, na sua relação intrínseca com o tempo. Importa considerar o caráter subversivo da narrativa no tocante a essa abordagem, haja vista a presença conflitante da cidade de Tarcisus na vida profissional e afetiva do narrador-personagem Lúcio. Em tom memorialístico, Lúcio tenta relatar, de modo claro e imaginativo, seus conflitos com os valores romanos e com o advento do cristianismo emergente, em plena decadência do Império Romano. Serão fundamentais para essa análise os pressupostos teóricos da Geografia Humanista Cultural a partir dos estudos dos geógrafos Eric Dardel, Yi-Fu Tuan e Edward Relph, bem como as reflexões críticas acerca da produção do autor, tecidas por Natália Constâncio, Virgínia Soares Pereira e Osvaldo Manuel Silvestre.

Palavras-chave : Mario de Carvalho – *Um deus passeando pela brisa da tarde* – perspectiva espacial

Abstract :

The present aims at doing an analytic study of the *A god going through the afternoon breeze* novel by the praised contemporary Portuguese writer Mário de Carvalho, focusing on the spatial perspective in its intrinsic relationship with time. It is important to consider the subversive character of the narrative regarding this approach, due to the conflicting presence of the Tarcisus city on the professional and affective life of the character-narrator Lúcio. On a memorialistic tone, Lúcio tries to report in a clear and imaginative way, his conflicts with roman values and with the advent of emerging Christianity during the great downfall of the Roman Empire. The Cultural Humanistic Geography assumptions postulated by Eric Dardel, Yi-Fu Tuan, and Edward Relph are fundamental for this analysis, as well as the critical reflections about the authors' production made by Natália Constâncio, Virgínia Soares Pereira and Osvaldo Manuel Silvestre

Keywords : Mário de Carvalho – *A god going through the afternoon* – spatial perspective

No modo mais digno e extremo, o lugar é o que reúne e recolhe para si. O recolhimento percorre tudo e em tudo prevalece. Reunindo e recolhendo, o lugar desenvolve e preserva o que envolve, não como uma cápsula isolada, mas atravessando com seu brilho e sua luz tudo o que recolhe de maneira a somente assim entregá-lo à sua existência.

(Martin Heidegger – A caminho da linguagem)

INTRODUÇÃO

A ficção de Mário de Carvalho – escritor português contemporâneo, autor de romances, novelas, contos, literatura infanto-juvenil, ensaios e peças de teatro – ganhou com a publicação de *Um deus passeando pela brisa da tarde*, em 1994, um fôlego peculiar, tão inovador e surpreendente que mereceu, junto à crítica, ser galardoado com vários prêmios, dentre eles o Prêmio de Romance e Novela da APE (1994), o Prêmio Fernando Namora (1996), o Prêmio Pégaso de Literatura e o Prêmio Literário Giuseppe Acerbi, ambos de 2007.

Para Virgínia Soares Pereira, “Mário de Carvalho recria situações e ambientes que nos transportam para o mundo Antigo – mítico, histórico e literário – quer como forma de sublinhar a ironia subjacente a dada situação, quer no intuito de conferir à narrativa um pano de fundo rico de sugestões”. (PEREIRA, 2012, p. 204). Transportando-nos, portanto, ao Império de Marco Aurélio Antonino, o romance construído no século XX mergulha no século II d. C, na antiga Lusitânia, onde reina a cidade fictícia de Fortunata Ara Tulia Tarcisis, comumente referida como Tarcisis. Nela vive seu dirigente máximo, o duúnviro Lúcio Valério Quíncio, responsável por todas as decisões relativas à segurança da cidade, frente à iminência de uma invasão bárbara, além de tentar deter tumultos e descontentamentos generalizados. O ápice de sua gestão é a ameaça de uma nova seita, a Congregação do Peixe, que coloca em xeque os valores da romanidade ao evocar o deus monoteísta do protocristianismo. Em face da atração devastadora pela sua seguidora mais fanática, Iunia Cantaber, Lúcio vive o conflito entre o dever e a paixão, entre o seu caráter estoico e o princípio do entusiasmo pelo espírito de um deus único.

Considerado pela crítica literária um romance histórico – ainda que não pelo autor -, haja vista a presença significativa de uma vertente histórica, sem, contudo, a ela se

prender rigorosamente, *Um deus passeando pela brisa da tarde* prima por trazer à superfície, de modo mais cristalino, o fenômeno do tempo em sua mais larga acepção. Entretanto, ao longo dessa análise, nosso objetivo é destacar a importância do tempo na sua relação direta com a representação espacial, naquilo que pode ser a sua subversão. Como sustenta Helena Buescu (2018, p. 18), “é através do espaço e da sua subversão que Mário de Carvalho humaniza o tempo”. Importa-nos, portanto, relevar as experiências vividas por Lúcio a partir de suas memórias na condição de exilado de Tarcisis. Seu modo de ser-estar-no-mundo em conflito, sobretudo, com os valores romanos.

Nosso aporte teórico se fundamentará nos conceitos basilares da Geografia Humanista Cultural, em que pese o fenômeno do espaço sob o olhar da fenomenologia, acolhido por geógrafos renomados, a exemplo de Yi-Fu Tuan, Eric Dardel e Edward Relph. Dada a complexidade de semelhante abordagem, serão trazidos ao palco da análise estudiosos da obra multifacetada de Mário de Carvalho, como é o caso de Natália Constâncio, Virgínia Soares Pereira e Osvaldo Manuel Silvestre.

TARCISIS E O LUGAR DA SUBVERSÃO

Criada como província romana em 29 a. C., a Lusitânia, que corresponde, em grande parte, ao Portugal atual, abriga, em *Um deus passeando pela brisa da tarde*, a cidade fictícia de Tarcisis, detentora de um nome com curiosa etimologia: Fortunata Ara Tulia Tarcisis. Dos significados individuais dessa denominação atribuída à cidade, o mais interessante por que diretamente relacionado com a trama do romance é “tarcisis”, afinal o nome pelo qual é conhecida. Sabemos que “fortunata” remete à “prosperidade”; “ara”, à abertura de caminhos, ao ato de arar a terra e “tulia”, à condição de quietude, pacificação. Já “tarcisis” implica a natureza de uma pessoa corajosa, destemida. Porém, o mais impressionante é a compreensão advinda dessa natureza.

Segundo o *Dicionário de nomes próprios*, disponível na internet, essa qualidade tem origem com a atitude de São Tarcísio, um santo romano da Igreja Católica do século III, que, em sendo coroinha, resistiu em entregar a hóstia consagrada que levava

aos cristãos presos pela perseguição religiosa aos guardas da prisão, o que provocou o seu apedrejamento e a sua consagração como o padroeiro dos coroinhas ou, de modo mais ostensivo, como o “apóstolo da Eucaristia”.

A Tarcisis de *Um deus passeando pela brisa da tarde* se situa na província romana da Lusitânia no século II e se defronta com o surgimento incipiente do espírito cristão, duramente combatido até as últimas consequências. Como então entender a denominação da cidade em que reina soberana a ideologia de Roma? Em quem se centra o dom da coragem, a atitude de enfrentamento diante das adversidades que varrem o romance? Em Lúcio, um homem cético e estoico, discípulo-mor do Imperador Marco Aurélio? Em Mara, a esposa flexível à prática da adoração aos deuses? No proprietário da taberna e descendente de escravos Rufo Clínio Cardílio, tão ambicioso e populista quanto o poderoso decênviro Pôncio Velutio Módio? Quem, de fato, exerce a virtude da coragem e do destemor em prol daquilo que acredita e defende, a exemplo de São Tarcísio?

Subvertendo a representação de Tarcisis como lugar dotado de valores da romanidade – e não espaço, pois não é abstrato e indiferenciado, como bem assinala Tuan (2013) -, Mário de Carvalho acaba por elevar a cidade à condição de lugar do nascimento do protocristianismo, tendo na figura de Iunia Cantaber a tradução sacrificial de São Tarcísio. Mas Iunia é Junia e Júnia foi uma cristã que viveu nos primórdios do Cristianismo, tendo sido citada pelo apóstolo Paulo em sua epístola aos Romanos. Iunia Cantaber é uma viúva romana, filha de Máximo Cantaber, amigo e mentor de Lúcio, e defensora ardorosa do Deus único. Sua obstinação em propagar a fé cristã numa Tarcisis vestida de valores romanos é o grande motor que impulsiona a narrativa para a geração de conflitos ainda maiores. Segundo Mircea Eliade (2011, p. 319), “no decurso dos dois primeiros séculos, o cristianismo foi considerado *religio illicita*; os cristãos eram perseguidos porque praticavam uma religião clandestina, que não contava com a autorização oficial”.

Em determinado momento do romance em que o magistrado Lúcio se confronta com a romana Iunia convertida em cristã, o que se destaca é a tentativa de proteção não da seita em ascensão, mas da mulher por quem estava se apaixonando. Nesta passagem

Tarcisis se revela como o lugar da contradição ao não assumir a postura de São Tarcísio:

De sacão, traçou ao pescoço o véu que apertava nas mãos, voltou-me as costas e começou a afastar-se de mim. Eu dei um passo na direção de Iunia e recomecei a falar muito rapidamente. Creio que gesticulei. Procurei dizer-lhe que se acautelasse, adverti-la sobre a má vontade que existia em Tarcisis contra os da sua seita. Comi as palavras. Fui atabalhado. Queria contar-lhe tudo isso, mas, sobretudo, não queria que ela se fosse... (CARVALHO, 2013, p. 152)

A má vontade dos habitantes de Tarcisis para com a Congregação dos Peixes contraria, pois, a história santa de São Tarcísio que, ainda que romano, católico cristão. Ao adentrarmos a cidade, o distanciamento do que Tarcisis deveria representar se revela ainda mais acentuado, dada a presença de ambientes e construções arquitetônicas vinculadas diretamente à Roma, à sua política de estratificação social. É o caso da basílica, do pretório e do tribunal, ambientes frequentados por Lúcio enquanto magistrado. Patrícia da Conceição Gomes Leal assim discrimina a estrutura da basílica:

A basílica de Tarcisis e a forma como está delimitada sugere uma estratificação social. No andar subterrâneo estão todos os homens e mulheres que cometeram crimes, salientando que nenhuma deles pertencia às famílias mais poderosas de Tarcisis [...]. No andar intermédio, ao nível do chão ficava a basílica e o tribunal acessíveis a qualquer pessoa. De salientar que para demarcar a diferença entre a população e os magistrados era construída uma tribuna para estes. No andar superior, situava-se o pretório e a cúria apenas destinados aos mais influentes magistrados e governadores da cidade, aludindo ao poder superior destes cidadãos. (LEAL, 2016, p. 32-33)

Além da presença da basílica, existem, no interior de Tarcisis, as termas e os balneários, frequentados por poucos cidadãos romanos, sendo a casa de Lúcio um desses lugares privilegiados. Espaços construídos na Lusitânia e inspirados em Roma. Eric Dardel, em *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*, ao explanar sobre o espaço geográfico, detém-se no espaço construído pelo homem que, ao contrário dos espaços telúrico, aquático e aéreo, “coloca em xeque o alcance do olhar, apaga e submerge o desenho natural dos lugares”. (DARDEL, 2011, p. 29). É o que podemos evidenciar em Tarcisis: uma cidade que, cercada por muralhas para conter a invasão bárbara, se vê mergulhada em espaços construídos; muitas vezes, sem alma.

A perspectiva de lugaridade de Lúcio, protagonista e narrador em primeira pessoa de sua história ocorrida num passado que hoje é “pântano”, necessita de um olhar especial que possa dar conta, ao mesmo tempo, dos meandros de sua sensibilidade e do seu caráter assumidamente estoico. A descrição das termas e balneários romanos construídos na Lusitânia e frequentados por seus concidadãos merece de Lúcio uma atenção singular, ainda que permeada pela ironia, fruto da pena lapidar de Mário de Carvalho. Logo após criticar aqueles que preferiam “a promiscuidade das termas públicas”, ou por mera avareza, ou por apeço à convivência, assim Lúcio apresenta o ambiente e a estrutura das termas:

As grandes termas tinham sido remodeladas sob Cláudio, muito acrescentadas nos tempos dos Flávios e restauradas e enriquecidas graças a um generoso donativo de Marco Aurélio, nos tempos em que o Palácio ainda podia esbanjar. Em todas as salas, o revestimento era de mármore róseo, que reflectia as luzes e os reflexos da água, criando com os vapores do caldário e os odores perfumados do untuário uma atmosfera de um luxo quase etéreo, desligada das asperezas do quotidiano e totalmente desproporcionada à importância duma pequena cidade como Tarcisis. Logo no vestiário, um rapazito de mármore cavalgava um golfinho que, de boca como sorridente, revirada ao alto, expelia um repuxo que tomava várias cores, conforme as substâncias que acrescentavam à água num reservatório oculto. Em cada sala, um grupo escultórico de mármore branco, em proporções naturais, trazia a convivência de deuses e ninfas aos homens. Alguns nichos, forrados de conchas nacaradas, estavam ainda vazios, privados das suas figuras. Era o sítio mais aprazível da cidade, o refúgio, o repouso, o bem-estar propício ao descompromisso e ao enlevo. (CARVALHO, 2013, p. 90)

Considerado por Lúcio um ambiente de extremo luxo que se contradiz com uma cidade pequena como Tarcisis, mergulhada numa das províncias de Roma, onde imperam “as asperezas do quotidiano”, figura como lugar de refúgio para os “descompromissados” e para aqueles apegados ao prazer e à licenciosidade. Decididamente, as termas e os balneários públicos não imprimiam em Lúcio o sentimento de lugaridade, visto que “um lugar ‘reúne’ ou aglutina qualidades, experiências e significados em nossa experiência imediata, [...]. Lugar (em oposição a *um lugar*) tem em si o conceito de especificidade e abertura, que acontece em virtude da reunião”. (RELPH, 2012, p. 22 – grifos do autor). A experiência de Lúcio com as termas e os balneários de Tarcisis é de repulsa e aversão, tanto quanto as reuniões sociais e eventos de natureza pública, para os quais era convidado e comparecia apenas em função de seu cargo como magistrado.

O seu distanciamento dos ambientes construídos e edificados pelos romanos de Tarcisis não se restringe às termas e balneários, antes se alastra para as ruas e para a própria basílica, que conhece por dentro e em demasiado: “A basílica, que eu era capaz de descrever por dentro, até aos recantos mais escusos, e em que trabalhava todos os dias, parecia-me, naquele momento, na sua longínqua frieza de pedra, uma edificação de outro mundo, alheio, parado, morto, de alma inacessível...” (CARVALHO, 2013, p. 67); “Acentuou-me a sensação de estranheza, incômoda, inquietante, que já vinha de trás. Pois que sabia eu, afinal, da minha cidade? Nem conhecia sequer as ruas sórdidas e escorregadias em que caminhava agora”. (CARVALHO, 2013, p. 73). Lúcio desconhecia a vida que pululava nas ruas de Tarcisis, haja vista que “a cidade, como realidade geográfica, é a *rua*”. (DARDEL, 2011, p. 28 – grifo do autor).

Para o geógrafo francês, a rua se caracteriza como o “centro e quadro da vida cotidiana”, e continua de modo enfático:

onde o homem é passante, habitante, artesão; elemento constitutivo e permanente, às vezes quase inconsciente, na visão de mundo e no desamparo do homem; realidade concreta, imediata, que faz do cidadão “um homem da rua”, um homem diante dos outros, sob o olhar de outrem, “público” no sentido original da palavra. Para muitos homens, sobretudo os dos séculos passados, a rua é onde se nasce, onde se vive e onde se morre sem que se possa sair. (DARDEL, 2011, p. 28)

Não é definitivamente o que podemos constatar em Lúcio. Enquanto magistrado e a máxima autoridade de Tarcisis, não se sente atraído pela vida que pulsa nas ruas, nas tabernas, nos discursos inflamados de Rufo Glicínio Cardílio que levanta a turba e promove a união de forças contra seu governo. Seu sentimento de pertencimento – em função, muitas vezes, de seu caráter estoico, pautado na razão e na resignação – não encontra lugar em Tarcisis, antes no exílio que lhe foi imposto e de onde rememora as “feridas antigas”. A essa questão nos reportaremos em momento posterior.

Além desses espaços construídos, os templos e santuários, centros do culto imperial aos deuses, configuram-se, assim como as termas e os balneários, espaços de aversão de Lúcio que questiona, em várias passagens do romance, a prática de adoração aos deuses e o real valor da santidade. Mara, embora compartilhe em parte esse posicionamento de Lúcio, revela-se mais sensível aos rituais inerentes à tradição romana, sobretudo numa cidade provinciana como Tarcisis que, segundo argumentação

que sustentamos, contraria os princípios da santidade cristã alçados por São Tarcísio. Em vão, Mara e o Imperador Marco Aurélio não são bem-sucedidos ao tentarem aconselhar Lúcio a se envolver com o povo de Tarcisis: sua vida, suas crenças, seus prazeres. O trecho abaixo elucida a postura resignada de Lúcio diante dos ritos, mas reflete o que se passa em seu interior. A narração em primeira pessoa, de tom memorialista, faz emergir o que enovela no âmago do homem Lúcio e não do duúnviro:

Nunca gostei de sangue. Cumpri sempre escrupulosa e minuciosamente, evitando o mínimo gesto em falso, todas as prescrições dos ritos, quer os públicos, quer os domésticos, quer os do Império, quer os da cidade. Quando chegava o momento de trucidar as vítimas e do manuseio enjoativo de carnes e vísceras ensanguentadas, habituei-me a delegar, como a regra permite. Mais tarde, de cabeça coberta, aproximar-me-ia do altar para a consulta ao deus, com o formulário próprio. Como de habitual, o deus respondia, sempre pelas mesmas palavras, porque assim deve ser. (CARVALHO, 2013, p. 48)

Lúcio não é o único personagem de Mário de Carvalho que vive à margem do sistema dominante. Zoltan Tremlich, de *O varandim*, novela publicada juntamente com *Ocaso em Carvangel* em 2012, sente-se oprimido e humilhado pelos filhos e pelos amigos do Clube dos Valetes de Paus que aplaudem a instalação, em seu varandim, de um camarote para assistir ao enforcamento de acusados por um atentado. Avesso e contrário à pena de morte, à transformação de um enforcamento em espetáculo, Zoltan, “sem ‘ter’ um mundo e sem ‘estar’ nele, observa o que ocorre a sua volta e, paulatinamente, desiste de lutar em prol de seus princípios, de modo a se deixar render diante das circunstâncias que o atropelam”. (FEITOSA, 2018, p. 96). É o que verificamos com Lúcio: um homem lúcido, mas pouco iluminado quando o assunto é agir contra o sistema ou, pelo menos, se posicionar para além das aparências. Ambos os personagens de Mário de Carvalho são deslocados socialmente, avessos aos ditames ritualísticos e que tornam artificial a vida, quando não ameaçada em nome do espetáculo, da formalidade. Vivem naquilo que Paul Ilie, citado por Miriam Volpe, denominou de “insílio”: “exílio residencial, ou insílio, de cunho sociológico [...] no sentido de sua incapacidade de viver plenamente, dentro de sua própria terra natal”. (ILIE apud VOLPE, 2005, p. 80 e 81). Em torno da complexidade que envolve a semântica do exílio, diretamente associada ao fenômeno do espaço, convergirá nossa análise no item a seguir.

LÚCIO E OS INTERSTÍCIOS DO EXÍLIO

Na esteira do que ressaltamos em relação ao fato de Lúcio ser incapaz de viver plenamente em sua terra natal, cabe suscitar um conceito muito caro à Geografia Humanista Cultural que reflete um dos aspectos do lugar: o lugar-sem-lugaridade. Cunhada pelo geógrafo canadense Edward Relph como *placelessness*, tal expressão implica a ausência da capacidade de lugaridade, não a ausência absoluta de lugar, difundida como não-lugar pelo antropólogo Marc Augé (2018). *Placelessness*, traduzida pela expressão composta lugar-sem-lugaridade, constitui, portanto, uma ideia mais ampla que não-lugar: “sempre que a capacidade do lugar de promover a reunião é fraca ou inexistente temos não-lugares ou lugares-sem-lugaridade”. (RELPH, 2012, p. 25). Em virtude de Tarcisis não promover em Lúcio a experiência de reunião, onde se aglutinam qualidades e o espírito identitário, instala-se o sentimento de lugar sem a devida ideia de lugaridade, associada a pertencimento ou enraizamento. Daí o não envolvimento com as questões vitais da cidade; seu desinteresse, por exemplo, pelos rituais da Congregação do Peixe que ameaçam os valores da romanidade ou ainda sua recusa em não incentivar os jogos nas arenas e a prática do culto aos deuses. Apinhado – no sentido que lhe atribui Tuan (2013) –, Lúcio anseia por não ver sua liberdade restringida pela tradição romana ou pela imposição da seita cristã. Necessita, pois, de espaciosidade, da “sensação de estar livre”. “Liberdade”, continua Tuan, implica espaço, significa ter poder e espaço suficientes em que atuar. Estar livre tem diversos níveis de significado. O fundamental é a capacidade para transcender a condição presente, [...]” (TUAN, 2013, p. 70). A saída, por conseguinte, de semelhante apinhamento se afigura no ato de ser expulso de Tarcisis, expatriado de sua terra, deportado para a “villa” onde passa a viver placidamente com a esposa Mara.

No exílio, Lúcio vive não só apartado de Tarcisis como de tudo que a ela se relaciona, numa espécie de tempo sem o tempo, longe dos acontecimentos no período em transcurso. As páginas iniciais do romance, preparatórias para a assunção de Lúcio à

condição de escritor memorialista, abrem as cortinas para esse outro tempo, perdido nas cicatrizes ainda abertas do desterro:

Se eu não estava com curiosidade das notícias de Tarcisis? Por dentro, embora não o deixasse transparecer, eu ardia em curiosidade. Mas, contraditoriamente, apavorava-me a ideia de que o assunto fosse sequer mencionado e ainda por cima por Proserpino. Queria preservar a minha paz, ganhara o direito ao pântano. Seria uma grande crueldade se alguém, comigo inteiramente indefeso, viesse remexer nas feridas antigas. (CARVALHO, 2013, p. 24).

Entretanto, graças ao exílio, Lúcio consegue apaziguar seus sentimentos, abalados com a paixão brusca e intempestiva por Iunia. Condenada à pena de morte, sentença proferida pelo então magistrado de Tarcisis, Iunia sai de cena em êxtase, consagrada como devota do Deus único. O sentimento de espaciosidade de Iunia se concretiza à medida que abraça a fé em seu coração. Nela, na fé, encontra a segurança e a sustentação necessárias para a conformação do constructo simbólico do lugar. Na morte, vivencia o pertencimento a Cristo.

Enquanto ainda vivia em Tarcisis sob a égide da tradição romana e sob o fascínio por Iunia, Lúcio pouco pôde ser estoico, de modo a cultuar um comportamento firme, austero, constante e indiferente aos sentimentos externos. O clímax desse impasse se impõe quando da paixão arrebatadora por Iunia, por aquilo que ele nunca fora: devoto por um ideal, comprometido por uma causa, defensor de uma religião. Nada melhor, portanto, do que o exílio, livre das amarras da paixão e dos distúrbios políticos, na *pax romana* ao lado da mulher plácida e comedida. No suposto equilíbrio, agindo com urbanidade com Proserpino, o hóspede sequer convidado e habitante de Tarcisis, Lúcio abandona o entrelugar do exílio para assumir o lugar da escrita:

Nessa manhã não recebi ninguém. Mandei que distribuíssem a espórtula, lá fora, aos poucos clientes que se fizeram anunciar e instalei-me à minha mesa de mármore verde, com cálamo, tinteiro e papiro novo. Depois da visita de Proserpino, talvez em compensação do que ficou calado, resolvi escrever sobre os acontecimentos que ocorreram em Tarcisis, durante a minha magistratura. O que não consegui recordar, comporei, sem qualquer escrúpulo. A imaginação também é amparo da verdade. Pode ser que, escrevendo, se me apazigue o espírito, com manifesta utilidade para mim. Mais quero, porém, que este livro sirva de lição a quem o ler. Seja eu, então, claro, preciso, atento, verdadeiro, hábil, imaginativo, e assim me inspire a Providência. E não recusarei sequer a intercessão de certo deus que, nos primórdios, ao que parece, passeava num jardim, pela brisa da tarde... (CARVALHO, 2013, p. 26 – 27).

Na experiência como escritor que conjuga a realidade à ficção, Lúcio, enfim, passa a fazer jus a seu nome: o “luminoso”, o “nascido com a manhã”. O seu sentido de lugar nasce quando da decisão de escrever as memórias individuais e coletivas vivenciadas em Tarcisis. Uma nova manhã, tecida “e se encorpando em tela, entre todos,/ se erguendo tenda, onde entrem todos,/ se entreendendo para todos, no toldo/ (a manhã) que plana livre de armação./ A manhã, toldo de um tecido tão aéreo/ que, tecido, se eleva por si: luz balão”. (MELO NETO, 2008, p. 219).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A obra de Mário de Carvalho é um *Opus* dos mais consistentes da nossa contemporaneidade”. (SILVESTRE, 2008, p. 213). Diríamos, mais especificamente, que *Um deus passeando pela brisa da tarde* é a sua *Magnum Opus*, por meio da qual angariou projeção e importância no âmbito dos mais renomados ficcionistas portugueses contemporâneos. Seu talento literário obedece a um estilo próprio onde se torna surpreendente o recurso da ironia com vistas a instituir a subversão, quer quando da caracterização do personagem Lúcio e suas conseqüentes ações e contra-ações ao longo da trama narrativa, quer na expectativa que lança ao leitor e que é transformada no seu avesso, dada a profundidade crítica que emerge das entrelinhas do texto.

Pelo viés da Geografia Humanista Cultural, de base fenomenológica, foi possível tecer um estudo primoroso dos espaços em que se circunscreve o narrador-personagem, responsável por, na condição de exilado, trazer à memória as experiências vividas, mas não só: mergulhado em seus livros e de posse de tinteiro e papiro novo, tendo a sua frente a mesa de mármore verde, empreende a sua mais nova conquista – a arte de criar, de escrever, de imaginar “sem qualquer escrúpulo” os dias e momentos transcorridos em Tarcisis, suas atitudes pautadas na razão e outras nem tanto, suas angústias e medos, sua paixão inesperada por Iunia Cantaber, sua incapacidade de reagir frente às agitações da turba, sua incompreensão do que é a fé e a devoção a um deus.

“O mundo surge como um labirinto de possibilidades” (2012, p. 266), acentua Natália Constâncio ao retratar a magnitude da produção literária de Mário de Carvalho. Um labirinto em que o passado e o presente se enovelam e onde a ordem, em *Um deus passeando pela brisa da tarde*, é questionada e colocada em xeque, na medida em que se vislumbra a decadência do Império de Roma e a ascensão do Cristianismo, representada pela Congregação do Peixe e pelo discurso da igualdade entre os homens. Tarcisus reúne em si essa conjunção de forças contrárias, genialmente criada de modo subversivo pelo autor quando de sua nomeação: a cidade de São Tarcísio repudia os valores cristãos.

Afastado, pois, de suas funções como magistrado de Tarcisus, Lúcio, ao lado da esposa Mara, numa tentativa de se manter o mais estoico possível, encontra no exílio, no entrelugar, a sua lugaridade; não na “villa” para onde foi deportado, mas na possibilidade de retomar pela memória, inspirado pela Providência, o passado em turbilhão. Na qualidade de um deus que passeia pela brisa da tarde, Lúcio, pela escrita, habitará o ser-estar-no-mundo.

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papyrus, 2018.
- BUESCU, Helena Carvalhão. Prefácio. In: FEITOSA, Márcia Manir Miguel. *A representação do espaço e do poder em Mário de Carvalho: uma apologia da subversão*. São Luís: Café & Lápis, 2018.
- CARVALHO, Mário de. *O varandim seguido de Ocaso em Carvangel*. Porto: Porto Editora, 2012.
- _____. *Um deus passeando pela brisa da tarde*. Porto: Porto Editora, 2013.
- CONSTÂNCIO, Natália Maria Massa. *Subversão e paródia na obra de Mário de Carvalho*. Universidade Nova de Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2012. (Tese de Doutorado).
- DARDEL, Eric. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS. Disponível em <<https://www.dicionariodenomespropios.com.br/>>. Acesso em 17/07/2019.

ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas: de Gautama Buda ao triunfo do cristianismo*. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. V. II. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FEITOSA, Márcia Manir Miguel. *A representação do espaço e do poder em Mário de Carvalho: uma apologia da subversão*. São Luís: Café & Lápis, 2018.

HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.

LEAL, Patrícia da Conceição Gomes. *A arqueologia do espaço urbano na construção ficcional de Um deus passeando pela brisa da tarde, de Mário de Carvalho*. Universidade do Minho: Instituto de Letras e Ciências Humanas, 2016. (Dissertação de Mestrado).

MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra e outros poemas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

PEREIRA, Virgínia Soares. Como dizia o outro: a presença dos clássicos em Mário de Carvalho. In: SILVA, Maria de Fátima e BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro (orgs.). *Ensaio sobre Mário de Carvalho*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (orgs.). *Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SILVESTRE, Osvaldo Manuel. Mário de Carvalho: revolução e contra-revolução ou um passo atrás e dois na frente. In: *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n. 147/148, Janeiro/Junho 1998, p. 209-229.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Trad. Livia de Oliveira. Londrina, PR: EDUEL, 2013.

VOLPE, Miriam L. *Geografias do exílio*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.